

Orientações Pedagógicas

Romance

9º Ano | 4º Bimestre | 1º Ciclo

Apresentação

As *Orientações Pedagógicas* oferecem a você um guia acadêmico panorâmico em relação às variadas possibilidades de desenvolvimento dos tópicos previstos no eixo bimestral do Currículo Mínimo. Aqui se expõem e comentam detalhadamente três tipos de materiais que você pode utilizar para planejar suas aulas: livros teóricos para a complementação da sua formação, livros didáticos adotados na rede estadual e *links* que disponibilizam materiais de qualidade. Tudo isso, vale frisar, está explicitamente relacionado aos tópicos a serem abordados no bimestre em questão, e com frequência está recortado através da indicação de capítulos ou trechos específicos.

As *Orientações Pedagógicas* apresentam estrutura regular e facilmente reconhecível. São divididas em seções que estão organizadas em torno de perguntas que guiam nossas reflexões, como seguem:

O que ensinar?

- Esta seção retoma os descritores do Currículo Mínimo a serem desenvolvidos no bimestre em questão, de modo que esses sirvam como referência para a construção das demais seções e, já no Roteiro de Atividades, possam ser concretizados através de atividades específicas.

Por que ensinar?

- Comenta fundamentação teórica que justifica a presença dos assuntos propostos no Currículo Mínimo e a relevância dos mesmos. Também indica o lugar ocupado pelo gênero textual em questão na organização curricular, assim como sua circulação efetiva, sua relevância social e visibilidade.



Condições prévias para aprender

- Apresenta conceitos e atividades consideradas pré-requisitos para o desenvolvimento dos descritores estabelecidos no eixo bimestral e expõe a infraestrutura básica para desenvolver as atividades propostas.

Como ensinar?

- Descreve e comenta estratégias relacionadas ao desenvolvimento dos conteúdos previstos e ainda seleciona e comenta livros teóricos, livros didáticos e *links* que contenham material a ser usado por você na fase de planejamento das suas aulas.

Como avaliar?

- Sugere caminhos para a elaboração das atividades de avaliação, tendo em vista a busca de coerência em relação ao trabalho desenvolvido ao longo do eixo bimestral. Destaca tópicos e estratégias para orientar os alunos no sentido do aperfeiçoamento de suas habilidades e competências.



O que ensinar?

Leitura

- Identificar foco narrativo, espaço, tempo, personagens, conflito e desfecho.
- Utilizar pistas do texto para fazer antecipações e inferências do conteúdo.

Uso da língua

- Observar nexos lógicos no texto, empregando adequadamente os tempos e modos verbais.
- Distinguir variações nas formas de introduzir as falas dos personagens.
- Reconhecer o discurso direto como meio de presentificar as falas.
- Identificar o ponto de vista do narrador evidenciado na seleção dos verbos dicendi.

Produção textual

- Produzir resumos de romances lidos e testar sua inteligibilidade.
- Planejar um texto narrativo mais longo, estabelecendo qual será o tema, o foco narrativo, a época, o cenário, os personagens, o conflito que os faz agir e o desenlace, respeitando a sequência temporal e observando a relação causal entre os eventos a serem narrados.

Por que ensinar?

Muitos estudiosos da literatura, sobretudo no séc. XX, já se esforçaram em teorizar sobre o romance. Apesar disso, a maioria dos trabalhos que se dedicaram a essa tarefa “limitam-se a recensear e a descrever o maior número possível de suas variantes, mas não (conseguiram) chegar a uma síntese teórica do romance enquanto gênero”¹. A multiplicação de tentativas de se teorizar sobre esse gênero e os resultados obtidos são apenas alguns dos indícios que apontam para a sua singularidade. Sua natureza está diretamente relacionada ao seu constante estado de evolução e à sua não submissão aos cânones: o romance está liberto de tudo o que é considerado convencional². Entretanto, se não há uma definição única e consensual a respeito do que seja um romance, por que ensiná-lo na escola?

O romance não é apenas um gênero entre muitos existentes, “ele é o único nascido e alimentado pela era moderna da história mundial, e por isso, profundamente aparentado a ela”³, o que significa dizer, em outras palavras, que ele reflete substancialmente a evolução da

¹ ARAGÃO, Maria Lúcia. Gêneros literários. In: SAMUEL, Rogel (org.). **Manual de teoria literária**. Petrópolis: Vozes, 1984. p. 87.

² Idem, p. 87.

³ Cf. BAKHTIN, Mikhail. **Epos e Romance**. In: **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. Trad. BERNADINI, Aurora F. et al. 4. ed. São Paulo: Editora UNESP, 1998. p. 398.

própria realidade. Porque está em constante evolução, ele abarca uma diversa gama de estilos e temas, e é justamente sua pluralidade e instabilidade que fazem dele um gênero natureza especialmente interessante.

Todo romance contém um saber que já circula no mundo e, ao mesmo tempo, também é fonte de um saber que, a partir da sua gênese, torna-se circulante. Ao ler um romance, o aluno entra em contato com essas duas formas de saber, o que o torna conhecedor de novas perspectivas da realidade – possivelmente não conhecidas anteriormente por ele – que, ao interagirem com o seu conhecimento de mundo, fazem surgir uma dimensão transformadora da narrativa⁴. Assim, o contato com esse gênero pode gerar um impacto não só sobre a capacidade do leitor ler um romance específico que eventualmente estiver em suas mãos, mas também sobre a sua capacidade de inserção diferenciada na realidade mais ampla.

A atividade de leitura do romance vai além da abertura de novas perspectivas aos alunos, porque suscita uma relação direta com as suas experiências, que são também fundamentais no processo de recepção do texto. Uma vez que cada indivíduo traz para o contexto escolar experiências singulares, o trabalho com a leitura do romance, sobretudo se for realizado de modo compartilhado, possibilita a discussão sobre as múltiplas formas de apreensão do conteúdo nele expresso. Dessa maneira, são estabelecidas relações não só entre os leitores (professores e alunos), mas entre os leitores, o autor, o texto e a realidade cuja força está no conteúdo do que é narrado.

A relevância de se trabalhar com o romance na sala de aula também se justifica por ser esse um gênero que geralmente se estrutura a partir da organização narrativa do discurso (embora não exclusivamente). Essa forma de organização do romance possibilitará, no âmbito das habilidades de leitura, um trabalho mais aprofundado com a identificação dos elementos composicionais típicos dos textos narrativos (personagens, foco narrativo, tempo, espaço, enredo), que foram apresentados aos alunos, no 3º bimestre, por meio dos gêneros crônica e conto. O trabalho de identificação desses elementos, ao mesmo tempo em que contribui para uma possível sistematização do estudo do gênero romance junto aos alunos, concorre para a retomada, a qualquer tempo, de outros gêneros narrativos anteriormente estudados.

⁴ Para aprofundamento, sugerimos consultar a obra **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**, de Walter Benjamin (São Paulo: Brasiliense, 1985).

Trabalhar o romance é também possibilitar que o aluno estabeleça contato com uma espécie narrativa cuja grande extensão – se comparada à da crônica e do conto – exige maior tempo de dedicação à leitura. Isso significa que o envolvimento do aluno com o romance é bastante diferente da interação com espécies narrativas mais curtas. A leitura das últimas, por demandar menor tempo, normalmente é realizada sem interrupção. Na leitura do gênero romance, o contato do leitor com a narrativa é maior, mas é marcado por intervalos.

Esse diferente modo de envolvimento do aluno com o romance, no entanto, não se traduz em um ponto negativo para o trabalho com o gênero. A característica da longa extensão do romance condiciona outros ricos traços distintivos desse gênero: a tendência a ser analítico (enquanto o conto tende a ser sintético) e a sua versatilidade na abordagem de temáticas que, diante da possível complexidade, exigem tratamento em maior extensão (como bem exemplifica o texto gerador escolhido para o bimestre).

Devido à sua extensão e possível maior complexidade conteudística, o romance requer uma análise transdisciplinar, ou seja, uma reflexão que enfoque tanto a dimensão linguístico-estrutural como a dimensão social para a compreensão da obra. Conforme explicita Charaudeau (2008:189)⁵, uma “narrativa apresenta as marcas discursivas que remetem seja ao contexto sócio-histórico contemporâneo do autor, seja ao seu pensamento”. Essa dimensão sócio-histórica pode e deve ser explorada de diversas maneiras no contexto de ensino-aprendizagem, utilizando-se do romance como objeto – ou mesmo *input* – para o estabelecimento de variadas observações sobre o meio.

Além de todas as razões apresentadas para a escolha da leitura do gênero romance na sala de aula, não podemos nos esquecer, ainda, de que a atividade de leitura tem como objetivo precípua a formação de leitores competentes e, ainda que indiretamente, de pessoas capazes de produzir textos eficazes. Essa última capacidade parece ter origem no ato de ler, contínuo e sistemático, que assim funciona também como espaço de construção da intertextualidade e fonte de referências modalizadoras. De um lado, portanto, temos a leitura fornecendo matéria assuntos para a escrita (*o que escrever*); do outro, temos esse mesmo contato com textos modelares abrindo possibilidades para construções próprias e alternativas por parte do leitor (*como escrever*).

⁵ CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso: modos de organização**. São Paulo: Contexto, 2008.

Condições prévias para aprender

O gênero *romance* está propositalmente alocado no 4º bimestre, após o aluno ter tido contato com outras narrativas (como a crônica e o conto, no 3º bimestre), e outros gêneros textuais (como o artigo científico, a carta do leitor, o artigo de opinião e o debate regrado, de bimestres anteriores). Trata-se, portanto, de uma alocação estratégica, visto que nesse momento específico do ano letivo, de acordo com o fluxo proposto pelo Currículo Mínimo, poderiam ser requeridas dos alunos algumas habilidades mais complexas, cujo desenvolvimento dependeria de maior concentração e empenho.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (1996, p. 38) oferecem algumas orientações importantes quanto às condições prévias para o trabalho dos gêneros textuais diversos, o que se aplica também, naturalmente, ao trabalho com romances.



A complexidade de determinado objeto deve ser considerada em relação ao sujeito aprendiz e aos conhecimentos por ele já construídos a respeito. Também não é homogênea: tanto diferentes aspectos de um mesmo objeto podem ter graus de complexidade diferenciados para o sujeito, num único momento do processo de aprendizado, quanto um mesmo aspecto pode representar dificuldades variadas para um sujeito, em momentos diferentes do processo de aprendizado. (...) A leitura de um texto, compreende, por exemplo, pré-leitura, identificação de informações, articulação de informações internas e externas ao texto, realização e validação de inferências e antecipações, apropriação das características do gênero. (...) Alguns fatores tornam a exposição sobre determinado assunto uma atividade mais ou menos complexa para o sujeito: a familiaridade com o gênero, a maior ou menor intimidade com a plateia, as exigências de seleção lexical projetadas pelo tema. As possibilidades de aprendizagem dos alunos colocam limites claros para o tratamento que dado conteúdo deve receber. (...) A intervenção do professor e, conseqüentemente os aspectos a serem tematizados, tanto poderão ser diferentes quanto poderão ser os mesmos, tratados com graus diversos de aprofundamento.



Dessa forma, o trabalho com romances deve levar em conta, em primeiro lugar, o sujeito aprendiz e os conhecimentos já construídos por ele. Desloca-se, portanto, o parâmetro de

referência do professor para o aluno. Em outras palavras, o aluno é o ponto de partida para o trabalho com os gêneros. Essa observação dará a exata medida da complexidade do romance a ser selecionado para o trabalho pedagógico, as diferentes técnicas de leitura a serem empregadas, as relações intertextuais a serem levantadas etc.

Para que haja um produtivo trabalho com o gênero romance, em termos estruturais, é necessário que a escola mantenha um acervo diversificado dos principais romances da literatura brasileira, equilibrando obras clássicas e modernas. Cria-se, assim, um ambiente propício ao desenvolvimento do trabalho com esse gênero. Por outro lado, também já dispomos de outras maneiras de proporcionar um maior contato com essas obras por meio da tecnologia⁶, o que pode contornar a falta de um acervo físico para o desenvolvimento do trabalho pedagógico.

Para ler um romance, o aluno necessitará articular diversos saberes, em permanente interação com conteúdos teóricos e experiências vividas. Quanto a esse ponto, é importante que os alunos dominem os elementos básicos da narrativa (foco narrativo, espaço, tempo, e personagens), estabeleçam relações temáticas entre textos de diferentes épocas e sejam capazes de perceber inferências, pressupostos e subentendidos no texto lido.

Partimos do princípio de que o ato de compreender não pressupõe que os conhecimentos do texto e os do leitor coincidam, mas que possam interagir dinamicamente.



A pluralidade de leitura e de sentidos pode ser maior ou menor dependendo do texto, do modo como foi constituído, do que foi explicitamente revelado e do que foi implicitamente sugerido, por um lado; da ativação, por parte do leitor, de conhecimentos de natureza diversa, e de sua atitude cooperativa perante o texto, por outro lado⁷.



É necessário que o aluno veja o trabalho com romances como também um exercício de conscientização, atualização, contato com outras culturas e aquisição de novos saberes.

⁶ Sugerimos o acesso ao site <http://www.dominiopublico.gov.br>, que funciona como um grande repositório de obras completas da literatura brasileira e estrangeira, além de apresentar outras funcionalidades.

⁷ KOCH. Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender os sentidos do texto**. 2ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 22.

“

Em uma sociedade em que imperam o utilitarismo, o consumismo e a alienação, o professor acaba concorrendo com os meios de comunicação e toda a sorte de entretenimentos que apelam para o óbvio. Fazer com que o aluno tome consciência da necessidade de transformação de si mesmo e do mundo pode ser uma forma de sensibilizá-lo para a leitura, a literatura e a realidade. É preciso ensinar o aluno a fazer a vinculação entre o lido e o vivido⁸.

”

O exercício prático de associação entre o lido e o vivido, o rompimento com o óbvio, a conscientização quanto aos aspectos sociais e políticos da narrativa, a articulação de saberes diversos e a apropriação de elementos básicos da teoria da literatura serão as ferramentas centrais para um trabalho efetivo com o gênero romance. Constituirão, assim, as condições prévias para o trabalho com esse gênero e, ao mesmo tempo, servirão como instrumental concreto para o processo de ensino-aprendizagem de diversos outros gêneros textuais em geral.

Como ensinar?

Em se tratando do gênero romance, é necessário verificar previamente o nível de familiaridade dos alunos com esse gênero de narrativa longa. Diagnosticar as leituras já feitas e cotejar com as novas leituras propostas é uma boa forma de começar a avaliar esse tópico. A partir dessa premissa, é fundamental identificar e distinguir, nessa fase preliminar do processo de avaliação, os alunos que apresentam algum repertório de leitura em comparação com os que estão tendo contato com o gênero pela primeira vez.

Como forma prática de acompanhamento da leitura realizada pelos alunos da rede, sugerimos o preenchimento de fichas de leitura e a discussão coletiva dos romances selecionados para o trabalho pedagógico. Nessas fichas, seria importante que os alunos registrassem as dificuldades de leitura, as dúvidas, as descobertas e demais itens que você, como professor, e/ou o aluno julgarem pertinentes. Dessa forma, as práticas de leitura e discussão coletivas do romance deverão despertar e guiar a atenção dos alunos, ainda que parte considerável da

⁸ Fonte: http://www.educacional.com.br/articelistas/outrosEducacao_lista.asp?artigo=artigo0019. Acesso em 15/09/2011.

leitura precise ser feita, naturalmente, de forma individual e fora do horário das aulas. Sugere-se, ainda, que você trabalhe inicialmente com a identificação e análise dos elementos da narrativa (enredo, tempo, espaço, tipo de narrador, personagens). Esse trabalho poderá ser feito com diversos tipos de questões, desde perguntas estruturais e bem pontuais até a tarefa de continuação de textos inacabados e a reescrita de partes de romances, propondo novos encaminhamentos e desfechos distintos.

Seria interessante, também, que fosse proposto algum trabalho interdisciplinar com os professores de outras áreas, com vistas à abordagem de aspectos históricos, artísticos, geográficos e sociopolíticos dos romances, a depender de sua natureza. Da mesma forma, é possível também propor atividades em que os alunos do 9º ano contem ou dramatizem os trechos mais significativos ou centrais dos romances escolhidos para outras turmas, de forma a estimular o trabalho de reelaboração mais individual em função de uma demanda concreta, envolvendo uma experiência de divulgação e o compartilhamento da leitura.

Listamos, a seguir, alguns dos melhores e mais acessíveis materiais que você poderá acessar para fundamentar e planejar as aulas deste bimestre.

Livros recomendados

- BAKHTIN, Mikhail. **Epos e Romance. In: Questões de literatura e de estética: a teoria do romance.** Trad. BERNADINI, Aurora F. et al. 4. ed. São Paulo: Editora UNESP, 1998. p. 397-428.

Neste capítulo, Bakhtin trata da evolução do romance, desde a sua gênese, no tênue limite com a epopeia, até os tempos mais atuais, ressaltando que o processo de evolução do gênero não está acabado, pois entra agora numa nova fase, uma vez que nossos tempos são caracterizados pela complexidade e pela dimensão insólitas de nosso mundo, pelo enorme alargamento das demandas, pela sobriedade e pela mente crítica. Esse é um ótimo texto para quem busca uma síntese sobre as teorias do romance.

- BRAIT, Beth. **A personagem.** São Paulo: Ática, 1985. 79 páginas.

Neste livro, a autora preocupa-se em relatar toda a polêmica travada na tradição literária clássica, uma vez estabelecida a relação entre personagem e pessoa

humana, até a decadência de tal visão com a chegada dos formalistas russos. Assim, o professor encontra orientações para refletir sobre a concepção da personagem e sobre sua variação no decorrer de um percurso crítico, desde Aristóteles até as modernas perspectivas teóricas.

- CANDIDO, Antonio; ROSENFELD, Anatol; PRADO, Décio de Almeida e GOMES, Paulo Emílio Sales. **A Personagem de Ficção**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002. 95 páginas.
Este livro reúne ensaios de Antonio Candido, Anatol Rosenfeld, Décio de Almeida Prado e Paulo Emílio Salles Gomes. Aborda um elemento de central importância na estrutura narrativa. No livro, o ensaio de Antonio Candido adota uma postura diferenciada da forma adotada por Beth Braith no livro *A Personagem*, uma vez que ele destaca a personagem como um ser de linguagem, todavia volta a atenção para as “afinidades e diferenças essenciais entre o ser vivo e os entes de ficção”. A leitura certamente é mais densa que a do livro de Beth Braith, dada a diferença no enfoque.
- DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel e BEZERRA, Maria Auxiliadora (orgs.) **Gêneros Textuais & Ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
Fornecer subsídios teóricos e algumas sugestões de trabalho com os gêneros textuais presentes nos meios de comunicação, enfatizando seu funcionamento e constituição. De fácil leitura, os autores instrumentalizam os professores na busca de sugestões factíveis para o contexto de sala de aula.
- LEITE, Ligia Chiappini Moraes. **O Foco Narrativo**. São Paulo: Ática, 1991. 96 páginas.
Neste livro, o professor encontra uma exposição didática e sistemática do importante recurso artístico em que se configura o foco narrativo. O livro apresenta de forma simples um instrumento técnico que contribui para a análise de textos narrativos ficcionais.
- SCHNEUWLY, Bernard e DOLZ, Joaquim. **Gêneros Orais e Escritos na Escola**. Org. e trad. Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado das Letras, 2004.
As concepções desses autores serviram de base ao que se refere a gêneros textuais

no PCN. É uma referência que elucida de maneira prática o encaminhamento metodológico dos gêneros em sala de aula, instrumentalizando o professor para planejar suas aulas a partir da exploração dos gêneros textuais.

- SOARES, Angélica. **Gêneros literários**. Série Princípios. São Paulo: Ática, 2000.
O livro *Gêneros Literários*, de Angélica Soares, já se tornou um clássico na área a que se dedica. Destacamos as páginas 42 a 54. A autora analisa cuidadosamente os principais elementos da narrativa: enredo, personagens, tempo, espaço e ponto de vista. O livro serve como uma importante ferramenta a instrumentalizar o professor no trabalho com essas categorias de análise.

Links recomendados

- <http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/pratica-pedagogica/literatura-escola-7o-ano-romance-jose-j-veiga-563719.shtml>
Em linguagem simples e bastante acessível, o material acima é um plano de aula originalmente desenvolvido para ser aplicado no 7º ano, mas que pode ser perfeitamente utilizado em turmas de 9º ano, com adaptações ou não. A proposta visa especialmente a trabalhar com os conceitos de *tempo do enunciado e tempo da enunciação*, que são itens fundamentais no estudo do romance. É um plano desenvolvido para aplicação em 10 aulas, que parte de um momento de sensibilização, com informações sobre José J. Veiga, autor de *Sombras de reis barbudos*, entre outras obras. O autor do plano apresenta uma proposta de como trabalhar os capítulos do livro, além de um bom roteiro de avaliação. Além de o plano ter o mérito de trabalhar o romance já apontado, apresenta um instrumental muito útil para ser adaptado ao trabalho com qualquer romance de nossa literatura.
- http://virtualbooks.terra.com.br/freebook/freebook_portugues1.htm
O *site* acima apresenta diversos romances clássicos da literatura brasileira e estrangeira totalmente disponíveis para *download*. Entre os romances disponíveis estão os

seguintes: *Lucíola*, *Iracema e Senhora* (José de Alencar); *A Cartomante*, *Dom Casmurro e Memórias Póstumas de Brás Cubas* (Machado de Assis); *O Mulato* e *O Cortiço* (Aluísio Azevedo), entre outros. Trata-se de um importante material, especialmente para os casos em que há poucos exemplares de romances na sala de leitura das escolas.

- <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=23674>
O Portal do Professor é sempre uma fonte muito boa para captação de sugestões de caráter pedagógico. A aula em destaque focaliza o romance *Crepúsculo*, de grande circulação entre os adolescentes de todo o Brasil. Trata-se de um conjunto de 7 aulas, e objetiva discutir se a história de amor vivida pelos protagonistas é moderna e atual, ou se é algo presente apenas na ficção. O conjunto de aulas propõe diversos trabalhos de intertextualidade com artigo da Revista Veja e com muitos contos da literatura brasileira realista e naturalista, entre materiais de outros gêneros e épocas.
- http://www.educared.org/educa/index.cfm?pg=oassuntoe.interna&id_tema=9&id_subtema=2&cd_area_atv=5
O *link* acima apresenta um material muito interessante, cujo objetivo é oferecer ao professor modelos de fichas de leitura. Sugere-se a leitura de *O Xangô de Baker Street* (Jô Soares) ou *Vidas Secas* (Guimarães Rosa). Trata-se de um passo a passo de atividades, seguido de um modelo de diário de leitura, que poderá ser adotado pelos alunos do 9º ano. Logo em seguida, são oferecidas outras fichas para acompanhamento de leituras programadas. É um material muito apropriado para o acompanhamento do ritmo de leitura dos alunos.
- http://www.machadodeassis.net/hiperTx_romances/
O *link* acima reporta o leitor para as páginas dos principais romances de Machado de Assis, com uma importante inovação: a presença de vários *hiperlinks*, que facilitam bastante a leitura. O aluno do século XXI pode se deparar com diversas dúvidas quanto a vocabulário ou aspectos histórico-culturais dos romances machadianos. A leitura do romance por meio dessa página da internet soluciona essa questão, permitindo a interligação do romance com diversos outros conhecimentos, de forma dinâmica e interdisciplinar.

- http://escrevendo.cenpec.org.br/ecf/index.php?option=com_content&view=article&id=25781:como-seria-o-perfil-de-macunaïma-no-facebook&catid=18:artigos&Itemid=148
A proposta do *link* acima é realmente muito inovadora: como trazer os romances clássicos da literatura brasileira para as modernas redes sociais? A questão é: como seria o perfil de *Macunaïma* no *Facebook*? Como seria Pedro Bala, de *Capitães de Areia*, também no *Facebook*? A ideia é bastante sedutora e certamente atrairá a atenção dos adolescentes do 9º ano, já bastante fascinados pela multiplicidade de funções e significados das redes sociais.
- <http://www.youtube.com/watch?v=AWsaqBQiCnQ&feature=related>
Esse vídeo é uma produção de “Recanto das Palavras” e tem a duração de 3’16”. Aponta o romance como o gênero literário mais vendido no mundo, sendo, portanto, o mais popular. Também explica os motivos da popularidade desse gênero. Cita os seguintes tipos de romance: o de cavalaria, sentimental, psicológico, histórico e realista mágico. Explica que Dom Quixote, de Miguel de Cervantes, marca a passagem do romance medieval de base épica e poética para a narrativa sobre o homem comum com todas as suas dúvidas, angústias, frustrações, sonhos, desejos e demais sentimentos.

Como avaliar



Para tornar os alunos bons leitores – para desenvolver, muito mais do que a capacidade de ler, o gosto e o compromisso com a leitura –, a escola terá de mobilizá-los internamente, pois aprender a ler (e também ler para aprender) requer esforço. Precisar fazê-los achar que a leitura é algo interessante e desafiador, algo que, conquistado plenamente, dará autonomia e independência. Precisar torná-los confiantes, condição para poderem se desafiar a “aprender fazendo”. Uma prática de leitura que não desperte e cultive o desejo de ler não é uma prática pedagógica eficiente⁹.



⁹ BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais para o ensino fundamental**. Os blocos de conteúdo e o tratamento didático. Brasília: MEC, 1997.

A avaliação deve considerar o contexto e os objetivos traçados para o ensino. Assim, é importante que com a leitura e a análise do romance escolhido inicie-se um processo de maturação do leitor, que se construa de uma maneira efetiva o gosto pela leitura, mas, acima de tudo, que o aluno se entenda como parte atuante na construção dos sentidos no texto. Nesse processo de construção de um leitor maduro, você representará o papel do facilitador, do orientador; portanto, a avaliação deve focalizar a prática de leitura em sala de aula e também fora dela, de forma cada vez mais analítica e aprofundada.

Nem sempre, afinal, o aluno acionará o seu conhecimento de mundo para alcançar sentidos desejáveis em sua leitura. Para isso, também os descritores a serem trabalhados ao longo do bimestre servirão de auxílio para que o ato de ler e significar tenha amplo resultado. Você poderá verificar se o aluno apresenta variação em seu repertório lexical ao trabalhar com diferentes usos dos verbos *dicendi* e verificar se estão de acordo com a norma culta. O aluno deverá observar se o resultado é apropriado ao sentido que se queria observar. A partir desse conteúdo, ele saberá, inclusive, indicar pontos de vista e será possível verificar essa habilidade por meio de atividades de produção textual.

Essa produção deverá privilegiar não apenas uma identificação dos elementos presentes em uma narrativa, como o romance; deverá levar em conta, também, a sua capacidade de abstração, de construção de uma identidade como escritor. A maturidade que foi mencionada anteriormente também deve se traduzir na produção dos textos escritos, visto que habilidades relacionadas à leitura e uso da língua certamente apresentarão reflexo na produção textual. Assim, o reconhecimento de pontuação adequada na construção de diálogos, utilização de conectores adequados para estabelecer determinada relação lógica, além do uso de verbos específicos para demarcar a fala de personagens terão essa ressonância adiante, no ato de escrever.

Mais importante será, entretanto, que surjam no fim do ciclo leitores capazes de enxergar as diferentes possibilidades projetadas a partir de um texto. Nesse sentido, o gosto pela leitura deve vir acompanhado (ou até mesmo precedido) pela *habilidade* da leitura. E isso parece ainda mais verdade em relação ao romance, já que nele há em geral relações complexas a serem observadas. Se captadas pelos alunos do último ano do Ensino Fundamental, mesmo que minimamente, isso já terá sido de grande valia para a entrada do aluno no Ensino Médio.

A sua responsabilidade, portanto, será a de acompanhar a evolução desses alunos, e isso deve ser feito num processo de avaliação contínua, observando-se a coerência entre esse processo e os aspectos privilegiados em termos de metodologia do ensino do romance, proposto mais detalhadamente na seção “Como ensinar?”.

Referências

ARAGÃO, Maria Lúcia. Gêneros literários. In: SAMUEL, Rogel (org.). **Manual de teoria da literatura**. Petrópolis: Vozes, 1984. p. 64-86.

BAKHTIN, Mikhail. **Epos e Romance. In: Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. Trad. BERNADINI, Aurora F. et al. 4. ed. São Paulo: Editora UNESP, 1998. p. 397-428.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso: modos de organização**. São Paulo: Contexto, 2008.